

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 72
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Madame Ebsen e sua filha, Éline, regressam do cemiterio, onde foram acompanhar mãe e avó. Entram em casa e então é que sentem a saudade immensa do ente querido que se foi.

Ebsen, engenheiro de Copenhague, arruinado com a mania das invenções, foi a Paris tirar patente d'invenção d'um relógio electrico. O negocio correu-lhe mal e, entrementes, morreu, deixando mulher, filha e sogra na miseria. E' esta que salva a situação com o seu crochet. Sem ella, a pequena familia teria, ao principio, morrido de fome. Mais tarde madame Ebsen conseguia dar lições d'alemão. Éline cresce e dá lições tambem. O perigo da miseria affasta-se. A familia vive mesmo já com accentuação de desafogo.

E' com profunda dôr que mãe e filha recordam esse passado. As lagrimas saltam dos olhos de madame Ebsen como punhos.

Éline, a Lina, a Linette, meiga e terna, procura calmar a grande dôr da mãe. E' esta, expansiva na sua afflicção, agarra a loira cabeça da filha, beija-l'ha com amor e exhorta-a: «Amemo-nos muito, minha Linette, não nos separemos nunca.» A filha responde: «Nunca! tu bem o sabes! Nunca!»

Lina pensa na abnegação, na dedicação da excellente creatura morta, no pesado fardo de familia que ella tão valentemente e tão alegremente aguentou: uma creança a aducar, uma casa a sustentar, responsabilidades de homem e nunca uma irritação ou uma queixa! O coração da Lina transborda de ternura e de reconhecimento; tambem ella se ha de dedicar sempre a sua mãe e outra vez jura «amal-a muito e não a deixar nunca.»

Madame Ebsen, acalmada a saudade da mãe, vaé vivendo feliz com a sua Lina, a Linette, já noiva de Lorie. Lorie, sub-prefeito na Algeria, demittido por opiniões politicas, recolhe-se sem meios a Paris e vaé viver no *rez de chaussée* da casa onde mora Éline. A miseria de Lorie é profunda. Tem dois filhos; é viuvo. As creanças não teem camas para dormir. Deitam-se dentro de caixotes, onde resistem mais ao frio.

Uma d'ellas adoce, a rapariga, a Fanny. A velha creada, dedicadissima ás creanças, a Sylvanire, perde a cabeça ao vér a pobre Fanny cheia de febre e corre a pedir auxilio ás vizinhas do primeiro andar. Éline desee e

que afflicção para aquella alma compassiva quando vê tanta miseria!

Affeiça-se ás creanças, quer ser mãe d'ellas, toma intimidade com o pae, combina casar com este.

O filho d'Aussandon, medico militar, tambem tinha querido já casar com ella. Oh! mas andar de guarnição em guarnição, abandonando sua mãe, nunca!

Abandonar sua mãe, separar-se d'ella, nunca, isso nunca!

Estavam n'isto, quando um dia parou á porta uma carruagem e d'ella se apeou uma mulher de feições duras que perguntou por madame Ebsen. Madame Ebsen ficou gloriosa e cheia de vaidade. Era Jeanne Autheman, presidente fundadora da obra das damas evangelistas, quem a procurava. Ou, antes, era Anna de Benil em nome d'aquella, o que vinha a dar no mesmo.

Ser procurada por madame Autheman!... a mulher do banqueiro!

Joanna Autheman era filha d'um rico negociante de sédas de Lyon, Châtelus e Treilhard, uma das casas commerciaes mais importantes da cidade. Tendo-lhe morrido a mãe nova, o pae, inteiramente absorvido pelos negocios, confiou a educação da creança a uma velha tia, protestante fanatica e estúpida.

Joanna era um caracter frio e exaltado ao mesmo tempo, mas melancolico, teimoso e tenaz. Rapariga ainda, mergulhava em pensamentos de morte, de castigos divinos, de peccado original, que a tia avivava a todo o instante. Esta educação tornou Joanna doente, nervosa. Os medicos aconselharam as viagens, a permanencia nas montanhas e o pae, tendo ella desoito annos, mandou-a para os Alpes, para uma estação de verão da gente rica, onde appareciam muitos estudantes de theologia e padres protestantes, mas para fazerem digressões e divertirem-se. Joanna indignava-se com padres de tal ordem, e sonhava com o apostolado da mulher. Porque não haviam de ser as mulheres padres tambem, como já eram medicos e advogados?

Ah! fosse ella padre e ver-se-hia o que era propagar a fé, radicar as doutrinas do evangelho!

E commentava as Santas Escripturas á mesa do hotel, e pré-gava verdadeiros sermões!

Como era muito rica, um padre protestante insinuou-se-lhe hypocritamente no animo e propoz-lhe casamento. Mademoiselle Châtelus acceitou com a condição d'irem ambos missionar para a America. Ficou combinado. Mas n'esse meio tempo a praça de Lyão passou por uma crise com-

mercial que arruinou completamente Châtelus e Treilhard. Logo o padre perdeu o entusiasmo todo não só pelas missões na America como pelo proprio casamento, que não quiz mais.

Joanna, que tinha uma certa sympathia pelo padre, soffreu com a ruptura e tornou-se mais fanatica e mais feroz no fanatismo do que já era. Sofrimento que poucos perceberam. A sua frieza e a sua tenacidade encobriram o seu desaire e a sua humilhação, o desprezo do homem e da vida, o abysmo aberto n'aquella alma rancorosa pela sua primeira e unica decepção amorosa. A sua religiosidade cresceu ainda, implacavel, feroz, atendo-se aos textos desesperados, ás formulas de maldição e de castigo. E sempre aquelle sonho de evangelisar, de salvar o mundo, com uma surda colera contra a impotencia a que a reduzia a falta de dinheiro.

Foi n'esta altura que a velha Autheman, sabedora do rompimento com o missionario, a procurou para lhe pedir que casasse com o filho.

O filho de Autheman era horrendo, porque tinha uma doença medonha na cara. Mas que se importava Joanna? Todos os homens, n'aquella altura, valiam o mesmo para ella. Os que não eram feios por fóra eram feios por dentro. A fortuna tentava-a, uma fortuna colossal, que poria ao serviço das obras piedosas. Autheman era judeu. Pouco importava. Ella só queria o dinheiro, além de que resolveu o noivo, loucamente apaixonado, a mudar de religião. Foi um escandalo no mundo judeu. Mas o casamento realisou-se na igreja evangelica. E Joanna mettu-se á obra da evangelisação, da propaganda, da cathechese, em pleno Paris como se estivesse no meio dos cafes, ajudada por todos os recursos d'uma immensa fortuna.

Para espalhar as boas doutrinas nos quatro cantos de Paris, alugou nos bairros populosos grandes sallas onde ia prégar em certos dias da semana tendo como acolyto ou apostolo uma solteirona durasia, antiga enfermeira, calvinista ferrenha, uma tal Anna de Benil, a mesma que foi a casa de Ebsen em nome de Joanna de Autheman.

Mas o que pretendiam, as duas fanaticas, das Ebsen?

Pretendiam que Éline traduzisse em inglez e allemão, traducção paga generosamente, um livro de madame Autheman, intitulado: *Uma mulher perdeu o mundo, uma mulher o salvou.*

A traducção era um pretexto. Um dos grandes objectivos de Autheman era arranjar propagandistas, missionarios de saias. Seduzia e tentava os espiritos

fracos. Approximava-se agora de Éline Ebsen, para tentar tambem sobre esta a seducção.

Madame Ebsen, como fica dito atraz, encheu-se de gloriola, de vaidade, com a *honrosa* preferencia que lhe dava a mulher do famoso banqueiro de Paris, aliás já conhecida d'ella, dos collegios onde Madame Ebsen leccionava.

A' noite, presente o noivo de Éline, o Lorie, falou-se de Joanna Autheman e do livro que Éline teria de traduzir. Éline começou a lêr varias passagens.

«O rir e a alegria são apanagio d'um coração corrompido. Os nossos corações não teem necessidade d'isso quando n'elles reina a paz de Deus.»

Isto é commigo, exclamou Éline gracejando. Eu, que ando sempre alegre e a rir-me!

Não admira que ella diga isso, replicou a mãe. E' ella a auctora do livro e eu, na verdade, nunca a vi rir na minha vida.

Mas espera, continuou Lina, isto agora é mais forte. E' lêu, indignada e tremente: «Pae, mãe, marido e filhos illudem o affecto; em qualquer caso, como são mortaes prender-lhes o coração é um mau calculo.»

—E' melhor ser de pedra, exclamou Madame Ebsen encolerizada.

—Esperae o resto, disse Lina. E' lêu, accentuando as palavras: «Bom calculo e bom senso é amar Christo e só Christo. Christo não engana, Christo não morre; mas é cioso do nosso affecto e reclama-o por inteiro. E' o motivo porque nós fazemos guerra aos idolos e expulsámos dos nossos corações tudo o que possa rivalisar com elle... Percebes, mamã! E' um peccado amar. E' preciso que me arranques do teu coração, que Christo se metta de perceo entre nós ambas e nos separe com os seus dois braços crucificados... Que infamias!... Nunca eu tal traduzirei.»

E' fez um gesto violento, tão extraordinario n'aquella natureza de doçura e de serenidade, que a filha de Lorie, que estava em pé ao lado d'ella teve medo.

—Não, não, meu amor, não estou zangada, disse Éline, assentando a creança nos joelhos e enchendo-a de caricias.

Madame Ebsen foi a primeira a readquirir a serenidade.

—Ora vamos lá, Linette, boa asneira estarmos a exaltarnos. Se fossemos a tomar a peito todas as asneiras que se lêem e que se ouvem!...

—Não importa, replicou Lina sempre irritada: são asneiras contagiosas e podem fazer muito mal ás cabeças inexperientes, ás almas fracas...

—Deixa lá, voltou madame Ebsen encollendo os hombros: quem lê isso? A traducção é bem paga e nós precisamos de ganhar dinheiro.

Conformando-se com os conselhos da mãe, Lina acabou a traducção e foi ao palacio Autheman leval-a.

Recebeu-a a feroz Anna de Benil, a beata dura e intratavel, que morria de dôr por não vér arder n'uma fogueira todos os hereticos n'um dia. Anna de Benil introduziu-a n'um gabinete onde estava Joanna Autheman.

«Assentae-vos, minha filha.»

A banqueira escrevia azafamadamente, sellava cartas sobre cartas, tocava a campainha, entregava maços ao creado para o correio. Depois, cançada, encostou-se para traz na sua dura cadeira d'escriptorio e, cruzando as mãos sobre a pèlerine, olhou Éline com um sorriso terno e fez-lhe grandes elogios sobre o valor da traducção. Nunca nenhum dos seus tratados tinha sido tão bem comprehendido e trasladado com tanta intelligencia e precisão.

—E sua mãe, como vaé? Conheci-a a leccionar em casa de Madame de Bourlon. E essa pobre avó, morta tão cruel e inesperadamente? Conheceu ao menos, accrescentou fixando Éline cara a cara, o Salvador antes de morrer?

Lina perturbou-se, sem saber o que havia de responder. Lina não sabia mentir e a verdade era que sua avó, pelo menos no ultimo anno de vida, nunca falava de religião. Depois, morrendo quasi de repente, o pastor não chegára a tempo de lhe dar os auxilios religiosos.

—Ah! pobre alma privada da gloria de Deus!... E, com a voz trémula e as mãos juntas, Madame Autheman levantou-se n'um movimento oratorio. «Onde estarás tu, pobre alma? Como tu soffres e amaldiçoas aquelles que te deixaram sem socorros divinos...» E n'esse tom propheticamente continuou.

Éline ficou perturbada, incommodada. Apertava-se-lhe o coração com a idéa de que a sua avó poderia soffrer e por sua causa. Éline, com exteriores de tranquillidade, era no fundo uma alma vibrante, sentimental e mystica. A sua avó a soffrir! Esta idéa entrou-lhe repentinamente no espirito, o coração saltou-lhe de dôr e de remorsos, e suffocou em lagrimas e soluços.

«Vamos, vamos... Soccegae...»

Madame Autheman aproximou-se e pegou-lhe na mão. Sabia que Éline tinha bons sentimentos e cumpria regularmente os seus deveres de christã. Mas

Cartas d'Algures

28 DE DEZEMBRO.

O sr. João Chagas sustentava há dias, n'uma carta para o Norte, a proposito do crime da *Mde d'agua*, que matar é sempre um crime e que a honra é, no fim de contas, um mero convencionalismo.

Mas então porque defende e para que defende o sr. João Chagas o duello?

Convencionalismo mais estúpido do que este não ha. O marido, que mata a mulher, é sempre arrastado por um sentimento muito mais forte do que o espadachim ou o peralta que mata um homem no campo da honra. O marido tem o ciúme a allucinal-o, a colera a arrebatá-lo, a terrível incerteza sobre a paternidade das crianças que elle até ali suppunha alegremente seus filhos. Todos esses motivos são sufficientes para explicar a paixão que leva ao crime. Mas qual é o mobil, em geral, do duellista? A pisadella d'um callo por um sujeito que não pediu desculpa a tempo ou que, se a pediu, a não obteve d'um malcreado fanfarrão; um olhar para uma mulher, muitas vezes mal interpretado; a falta de observancia d'uma praxe, muitas vezes ridicula, d'etiqueta; uma miseravel polemica de jornal; ou, em muitos casos, uma necessidade ou uma vaidade de réclame para um dos contendores. Quasi sempre um motivo futil ou torpe. Contudo, o sr. João Chagas, publicista democrata, fulmina o marido que, na exasperação do ciúme, na colera do ludibrio ou na terrível decepção de pae mata o amante da mulher e procura matar a propria mulher, e defende o bilontra que quer começar a sua carreira jornalística ou politica com o réclame *innocente* da morte d'um homem no campo da honra! Ou por isto ou por amor da pose, ou para se dar ares!

Tal é a incoherencia dos homens. O unico argumento, empregado pelo sr. João Chagas e por outros que defendem o duello, é que esta coisa está mettida nos usos sociaes e que não ha, por enquanto, outra melhor para resolver pendencias. Pois então a morte das adúlteras e dos seus amantes é um acto digno de louvor, por isso que está muito mais mettido nos usos, pelo menos em Portugal, que os duellos. Os duellos em Portugal estão sempre debaixo da impressão de comedia.

A morte das adúlteras é tragedia permanente. Os duellos são admittidos por meia duzia. A morte das mulheres que atraíam os maridos, e a dos amantes, é applaudida por todos, com rarissimas excepções.

Questão d'usos? Questão de consagração publica? Então deixae matar adúlteras e seus amantes, que o publico em peso applaude. Applaudem muito mais do que applaude os duellos. E, digamos a verdade, se ha motivos para matar, o marido enganado sempre tem mais que os janotas, os pedantes, os farçantes da politica, os leões da moda, que querem no seu nome o réclame ou a nota *chic* do duello.

Mas não nos admiremos d'esta incoherencia do sr. Chagas, que a sociedade portugueza é ella toda uma incoherencia chronica.

N'outro dia foi castigado um coronel por não acceptar um duello que lhe era proposto por dois dos seus su-

bordinados. Um tenente-coronel foi coagido a pedir a demissão por não querer desafiar um jornalista que o tinha injuriado. O sr. Pinto Coelho, que é militar, arruma com o duello para traz das costas, resolve a tiro as suas questões e tem uma apothose e já se affirma abertamente que vae ser absolvido!

Se o duello é o unico meio fidalgo de derimir pleitos, como não se levantam as pedras da calçada contra o sr. Pinto Coelho? Então condemna-se e castiga-se quem despreza o duello em casos futeis e exalta-se quem o despreza em casos magnos?

E' sempre a mesma sociedade portugueza, d'olhos vendados a jogar a cabra cega!

De resto eu entendo, como o sr. Chagas,—mas eu sou coerente,—que ninguém tem o direito de matar, que matar é sempre um crime. Salvo n'um caso, no caso de defeza propria! Então é um recurso triste, mas recurso que tem que se acatar, quer no homem, quer na sociedade, se a sociedade não tem outros meios sufficientes de defeza, o que não discuto agora. E' verdade que essa historia de defeza da sociedade é uma continencia muito perigosa e uma relatividade muito elastica. N'este mesmo instante eu estou dizendo coisas que a sociedade do Veiga acha sufficientes para me supprimir em nome da sua defeza.

O castigo do adulterio é velho e foi sempre terrível. Os judeus condemnavam á morte a adúltera e o amante. Os gregos faziam mais: antes de matar a mulher arrancavam-lhe os cabellos e deitavam cinza quente na cabeça da culpada. Os parthas, os indios, os arabes, os lombardos applicavam a pena de morte. Os wísgodos davam ao marido o direito de fazer da mulher adúltera o que quizesse. Os saxões queimavam a adúltera e, a seguir, enforcavam o amante por cinza da fogueira. Os hespanhoes, sempre ratões e cruéis, castravam o amante. No Brazil e no Japão as mulheres eram mortas á paulada. Na Turquia passavam as adúlteras por varios castigos: cortadas em duas, lapidadas, mettidas n'um sacco e arremessadas á agua. Em Portugal, a mulher e o cumplice eram queimados. Etc.

Hoje, ainda ficam impunes os maridos que matam as mulheres e os amantes apanhados em flagrante delicto de adulterio.

E as mulheres podem fazer o mesmo aos maridos?

Ora sejamos justos e não nos deixemos ir na corrente de tradições cruéis e de preconceitos iníquos.

Porque não tem as mulheres os direitos dos homens? Porque os homens são os mais fortes. Não ha outra razão. E' o direito da força.

Cruéis ou não cruéis, estúpidos ou não estúpidos, sejam ao menos equitativos. Se querem permittir ao marido que mate a mulher, permittam á mulher que, nas mesmas condições, mate o marido.

Quando não haja justiça, haja equidade.

Depois ainda ha outra coisa: é o homem quem abre á mulher o caminho da desmoralisação. Na alta sociedade, pelo menos, a mulher é meramente um objecto de luxo, incluindo o luxo sensual. Se a mulher pensa, é corrida com o estyigma de *litterata*. Lêr, pensar, andar em dia com os

se elle, parece-me que farieis melhor em pensar como vos deveis haver nas circumstancias presentes do que em entregar-vos a uma alegria deslocada.

Testa-de-Boi ainda não recuperou o sangue frio desde a sua ultima queda, no torneio, disse De Bracy ao templario; só a ideia de um cartel o intimidou, ainda que elle venha de um doido e um por-queiro.

—Por S. Miguel, respondeu Testa-de-Boi, eu queria ver-te, De Bracy, sósinho a braços com esta aventura. Aquelles villões não procederiam com tão inacreditavel impudencia se não estivessem apoiados em forças importantes. Na floresta ha *outlaws* em barda, que não me perdão a minha protecção aos veados. Uma vez maudei amarrar um d'esses marotos, surprehendido

JUSTIÇA!

Acaba de baixar ao tribunal d'Aveiro, depois de ter transitado pela comarca de Vagos, o processo movido ao *Povo de Aveiro* pelo ministerio publico por offensas á religião do Estado.

Como se sabe, o tribunal de Aveiro não chegou a accordo sobre a penalidade a applicar-nos pelo nosso nefando crime.

O juiz effectivo queria que nos fosse applicada uma grave pena. O juiz substituto e nosso ex-correligionario, o ex-cidadão sr. Francisco Regalla, queria que nos fosse applicada uma pena mais suave. O terceiro julgador, sr. dr. Antonio da Silva Mello Guimarães, conservador da comarca, absolveu-nos.

Em virtude do empate, foi o processo transferido para Vagos, a comarca mais proxima de Aveiro, que assim o determina a lei. Em Vagos foi o *Povo de Aveiro* absolvido, mas só por maioria, appellando o delegado da sentença. O juiz de direito effectivo, embora redigindo um accordão altamente liberal, ainda teve medo das altas regiões do poder, porque assignou vencido. Felizmente a Relação do Porto completou o triumpho da liberdade, affirmando claramente o nosso direito de critica em notavel accordão assignado, sem divergencias nem vencimento, por tres dos seus juizes mais notaveis.

O *Povo de Aveiro* teve assim a grande satisfação de ser o primeiro periodico que, nos ultimos annos, provocou successivas absolvições em crimes de suppostas offensas á religião. Todos os outros periodicos, antes do *Povo de Aveiro*, foram condemnados por crimes de tal natureza. O *Povo de Aveiro*, que exerce a sua critica religiosa com mais profundeza e energia do que nenhum, foi successivamente absolvido, em Aveiro, onde o empate deu o resultado d'uma absolvição, em Vagos, onde foi absolvido por maioria, e no Porto, onde foi absolvido por unanimidade.

Isto prova que não tem sido improficuo de todo o nosso combate sem tréguas á reacção. Se isto satisfaz um pouco o nosso amor proprio, muito mais satisfaz o nosso amor ás liberdades e aos progressos d'este paiz.

Ao ex-cidadão sr. Francisco Regalla é que nós damos os mais sinceros sentimentos. Fez passar a sua terra, com tanta fama de liberal, pelo desaire de ser supplantada por Vagos e vê-se agora, pela sentença de tres profis-

assim como d'um certo judeu chamado Isaac d'York, e ao mesmo tempo de uma judia, sua filha, bem como de certos cavallos e mulas: as quaes nobres pessoas, com seus vassallos e servos e tambem com os cavallos e mulas, judeu e judia sobreditos estavam em paz com sua magestade e viajavam na estrada real como subditos fieis; por estes motivos requeremos e exigimos que as ditas nobres pessoas, a saber: Cedric de Rotherwood, Rowena de Hargottstandstede e Athelstane de Coningsburgo, com seus servos, vassallos e companheiros, bem como os cavallos e mulas, judeu e judia sobreditos, bem como as fazendas e objectos pertencentes aos mesmos, nos sejam entregues, dentro de uma hora a contar da entrega d'esta, a nós ou a quem nós encarregarmos de os receber,

sionaes insuspeitos, que o nosso ex-correligionario e ex-cidadão levava o seu temperamento accommodaticio, não só até deixar de ter pelos seus ex-correligionarios a deferencia que uma antiga solidariedade convertia n'um dever, como a praticar com elles uma grande injustiça, onde ia manifestamente uma parte de rancor contra nós e outra parte de subserviencia com as altas regiões.

Justiça! Justiça! A nossa absolvição era um acto de justiça, como affirmam tres magistrados da Relação do Porto, por todos os titulos insuspeitos no assumpto.

Segue o accordão:

Accordão em conferencia na Relação:

Conhecem do recurso a fol. 70 por ser competente e interposto em tempo util. Attendendo a que no Accordão a fol. 66 foi devidamente apreciada a responsabilidade do appellado a respeito do artigo publicado no jornal a fol. 3, no qual somente usou do direito de livre critica sem tenção de injuriar a religião do reino ou propagar doutrinas contrarias aos dogmas catholicos:

Confirmam a decisão tomada no referido accordão. Sem custas.

Porto, 19 de Outubro de 1900.

Correia Leal
Pinto Osorio
Sampaio.

Serpa Pinto

Falleceu hontem de madrugada, em Lisboa, o general de brigada Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto, visconde de Serpa Pinto, e arrojado africanista.

Bebedores de petroleo

Faltava só mais esta: beber petroleo.

Depois da substituição das bebidas alcoolicas pela morfina e pelo opio, surge em Paris o habito vicioso de beber petroleo. Este vicio, que grassa com intensidade nas classes pobres, contribue poderosamente para o augmento da mortalidade, e d'este facto se está já occupando a faculdade de medicina da capital franceza.

Se em lugar de petroleo bebêssem certa cousa, talvez o mal não fosse tamanho.

Mas fazia falta ás batatas e ás aboboras...

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

e isso são e intactos em suas pessoas e bens. E se o não fizerdes, declaramos que vos teremos por bandidos e traidores, e empenharemos nossos corpos contra vós em batalha, cerco ou de outra sorte, e faremos quanto pudermos para vosso prejuizo e destruição. Posto isto, rogamos a Deus vos tenha em sua guarda.—Assignado por nós na vespera do dia de S. Witholdo, sob o carvalho grande no Monte dos Veados; e foi a presente escripta por um santo homem, servo de Deus, de Nossa Senhora e de S. Dunstan na ermida de Copmanhurst.

No fundo d'este documento via-se em primeiro lugar rabiscada grosseiramente uma cabeça de gallo com sua crista, e uma legenda indicando ser aquillo a assignatura de Wamba, filho de Matno. Por

Deus exigia mais, d'ella sobretudo, que vivia cercada d'indifferença. Era-lhe preciso adquirir fé por aquelles que a não tinham, uma fé larga, alta, protectora, egual a essa grande arvore onde as aves do céu fazem seu ninho. Como? Procurando os meios espirituaes, as almas que se reúnem só em Christo. «Vinde vê-me muitas vezes, aqui ou em Port Sauveur, onde serci feliz em vos receber... Tambem temos em Paris boas reuniões de crentes... Em breves dias uma das minhas operarias—e sublinhou a palavra—a que sabia d'aqui quando vós entraveis, prestará culto publico ao Evangelho... Vinde ouvir e vereis como o grito d'essa alma ha-de inflammar o vosso zelo... E agora ide-vos. São horas.» E fez um gesto de despedida mais parecido com o signal de a abençoar. «Sobretudo não choreis... Eu vos recomendaréi A'quelle que salva e que perdoa...»

E falava com um tom de firmeza, como se fosse o representante de Deus na terra!

Continuaremos.

DR. AFFONSO COSTA

Deu-nos a honra da sua visita, no passado domingo, o nosso illustre correligionario e sábio lente da Universidade, o sr. dr. Affonso Costa.

S. ex.^a, que esteve n'esta cidade tratando de negocios forenses, retirou na noite de domingo mesmo para Coimbra.

BOAS-FESTAS

Aos nossos estimaveis assignantes, amigos e collegas da imprensa, enviamos as boas-festas.

Fallecimento

Victima da tuberculose, falleceu na sexta-feira passada, em Coimbra, onde fixára residencia, o nosso conterraneo Annanias Henriques.

Foi socio fundador do Recreio Artistico Aveirense, que lhe deve a creação d'um curso nocturno de leitura, escripta e arithmetica pratica, curso que regou durante algum tempo, mas que por fim teve, infelizmente, de se fechar, graças ao numero diminuto dos que o frequentavam. Era actualmente socio honorario da referida agremiação, honraria que lhe foi conferida quando as circumstancias o levaram a mudar d'aqui para Coimbra a sua residencia, para onde o attrahiam os lagos do coração.

Em signal de sentimento pelo seu trespassse, esteve hontem a meio pau a bandeira do Recreio; e nós, associando-nos á dor da familia que o chora, consignamos aqui a expressão do nosso pesar.

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

saber: que, porquanto vós, sem causa ou declaração d'hostilidade, injustamente e á força, vos apoderastes da pessoa de nosso Senhor e amo o dicto Cedric; bem assim da pessoa da nobre e livre donzella lady Rowena de Hargottsiandstede; bem assim da pessoa do nobre e livre homem Athelstane de Coningsburgo; bem assim das pessoas de certos homens livres, seus vassallos; bem como de certos escravos que lhes pertencem de nascença;

problemas sociais e políticos, estar acorrente dos successos artisticos ou litterarios, é motivo de troça, de condemnação, de repudio. *Litterata* é quasi synonymo de mulher prostituida.

Se a mulher cose as ceroulas do marido e as batatas é ordinaria. Uma mulher de tom não pôde ir fazer as compras com uma creada, nem ordenar o jantar ou ir vêr se a cosinheira o está cosinhando em boas condições. Abrenuncio! Lá ia o bom tom por agua abaixo.

Então o que faz uma mulher do bom tom? Vae ás egrejas e coça-se.

Ella não pensa, de manhã até á noite, senão na melhor maneira de provocar desejos nos homens.

Rezar, enfeitar-se para provocar a animalidade e coçar-se.

Então que querem os senhores? Ora Deus os salve.

Quando quizerem resolver a questão por meio de revolvers comecem por fazer saltar os proprios miolos, a miolera leve, que é a maneira mais efficaz de a resolver.

A. B.

Notas e cedulas

São retiradas da circulação além d'amanhã as notas de 20\$000 e de 500 réis, do antigo padrão, bem como as cedulas de 100 e 50 réis.

Ultima erupção do Vesuvio

O ultimo periodo d'erupção do vesuvio, em maio ultimo, foi d'uma violencia extraordinaria.

Um sábio geologo italiano, o sr. Mattencei, conseguiu, com perigo de vida, observar, na borda da cratera, as circumstancias da erupção e calcula que o vulcão deitou fóra, n'um mez, meio milhão de metros cubicos de pedras das quaes a maior media 12 metros cubicos.

Esta accumulção elevou 10 metros a altitude do ponto mais alto da cratera, o qual passou por isso, de 1:297 a 1:303 metros.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

AO SR. E. MOLLINET

Director da «Revista de Biographia e de Historia»

(Continuação do n.º antecedente)

Paris, setembro.

Pacheco pertenceu logo ás principais commissões parlamentares. Nunca, porém, accedeu a relatar um projecto, desdenhoso das especialidades. Apenas ás vezes, em silencio, tomava uma nota lenta. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma ideia geral sobre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia aqui a evidente attitudão d'um immenso talento que (como segredavam os seus amigos, piscando o olho com finura) «está á espera, lá em cima, a pairar.» Pacheco mesmo, de resto, ensinava (esboçando, com a mão gorda, o voar superior d'uma aza por sobre arvore-

do copado) que o «talento verdadeiro só devia conhecer as coisas pela rama.»

Este immenso talento não podia deixar de socorrer os conselhos da corôa. Pacheco, n'uma recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi Ministro:—e immediatamente se percebeu que massica consolidação viera dar ao Poder o immenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da Marinha) Pacheco não fez durante os longos mezes de gerencia «absolutamente nada», como insinuaram tres ou quatro espiritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro d'este regimen, a nação deixou de curtir inquietações e duvidas sobre o nosso Imperio Colonial. Porque? Porque sentia que finalmente os interesses supremos d'esse Imperio estavam confiados a um immenso talento, ao talento immenso de Pacheco.

Nas cadeiras do governo, Pacheco rarisimamente surdia do seu silencio repleto e fecundo. Ás vezes, porém, quando a opposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lapis:—e esta nota, traçada com saber e madurissimo pensar, bastava para perturbar, acuar a opposição. E' que o immenso talento de Pacheco terminara por inspirar, nas camaras, nas commissões, nos centros, um terror disciplinar! Ai d'esse sobre quem viesse a desabar com colera aquelle talento immenso! Certa lhe seria a humilhação irrisgavel! Assim dolorosissimamente o experimentou o pedagogista, que um dia se arrojou a accusar o sr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a Instrução do paiz! Nenhuma incriminação podia ser mais sensível áquelle immenso espirito que, na sua phrase lapidaria e succulenta, ensinara que «um povo sem o curso dos lycæus é incompleto.» Espetando o dedo (geito sempre tão seu) Pacheco esborrachou o homem temerario com esta coisa tremenda:—«Ao illustre deputado que me censura só tenho a dizer que enquanto, sobre questões de Instrução Publica, s. ex.ª, ahí n'essas bancadas, faz berreiro, eu, aqui n'esta cadeira, faço luz!»—Eu estava lá, n'esse esplendido momento, na galeria. E não me recorde de ter jámais ouvido, n'uma assembléa humana, uma tão apaixonada e fervente rajada de aclamações! Creio que foi d'ahi a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Thiago.

O immenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalavel apoio esse immenso talento dava ás instituições que servia, todas o appeteceram. Pacheco começou a ser um Director universal de Companhias e de Bancos. Cubicado pela Corôa, penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou ávidamente que Pacheco fosse seu Chefe. Mas os outros partidos cada dia se socorriam com submissa reverencia do seu immenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a nação.

A' maneira que elle assim envelhecia, e crescia em influencia e dignidades, a admiración pelo seu immenso talento chegou a tomar no paiz certas formas de expressão só proprias da religião e do amor. Quando elle foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito com unção, reviravam o bran-

co do olho ao céu, para murmurar piamente:—«Que talento!» E havia amorosos que, cerrando os olhos e repenicando um beijo nas pontas apinhadas dos dedos, balbuciavam com langor:—«Ai! que talento!» E, para que o esconder? Outros havia, a quem aquelle immenso talento amargamente irritava, como um excessivo e desproporcional privilegio. A esses ouvi eu bradar com furor, atirando patadas ao chão:—«Irta, que é ter talento de mais!» Pacheco no entanto já não falava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrei a sua incomparavel carreira. Basta que o meu caro sr. Mollinet percorra os nossos annaes. Em todas as instituições, reformas, fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Portugal todo, moral e socialmente, está repleto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decreto, o seu talento era immenso! Mas immenso se mostrou o reconhecimento de sua patria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro, e ajustadissimamente se completavam. Sem Portugal—Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco—Portugal não seria o que é entre as nações!

A sua velhice offereceu um caracter augusto. Perdera o cabello radicalmente. Todo elle era testa. E mais que nunca revelava o seu immenso talento—mesmo nas minimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo elle Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de Arrôdes, alguém, com fervor, appeteceu conhecer o que s. ex.ª pensava de Canovas del Castillo. Silenciosamente, magistralmente, sorrindo apenas, s. ex.ª deu com a mão grave, de leve, um côrte horizontal no ar. E foi em torno um murmuro de admiración, lento e maravilhado. N'aquelle gesto quantas coisas subitas, fundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgravatar, interpretei-o d'este modo:—«mediocre, meia altura, o sr. Canovas!» Porque, note o meu caro sr. Mollinet como aquelle talento, sendo tão vasto—era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou;—quero dizer, s. ex.ª morreu, quasi repentinamente, sem soffrimento, no começo d'este duro inverno. Ia ser justamente creado marquez de Pacheco. Toda a nação o chorou com infinita dôr. Jaz no alto de S. João, sob um mausoleu, onde por suggestão do sr. Conselheiro Accacias (em carta ao *Diario de Noticias*) foi esculpida uma figura de *Portugal chorando o genio*.

Mezes depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viuva, em Cintra, na casa do dr. Videira. E' uma mulher (asseguram amigos meus) de excellente intelligencia e bondade. Cumprindo um dever de portuguez, lamentei, diante da illustre e affavel senhora, a perda irreparavel que era sua e da patria. Mas quando, comovido, alludi ao immenso talento de Pacheco, a viuva de Pacheco ergueu n'um brusco espanto, os olhos que conservára baixos—e um fugidio, triste, quasi apiedado sorriso arragçou-lhe os cantos da bocca pallida... Eterno desacordo dos destinos humanos! Aquella mediana senhora nunca comprehendera aquelle immenso talento! Creia-me, meu caro sr. Mollinet, seu dedicado—Fradique.

Este excellente bocado de prosa e esta admiravel critica das mediocridades triumphantes é tirado do livro posthumo de Eça de Queiroz—*A Correspondencia de Fradique Mendes*.

O typo do Pacheco é o typo de quasi todos os nossos homens publicos.

Typo profundamente verdadeiro.

Todos nós o conhecemos.

Bôdo aos pobres

A commissão promotora do bôdo offerecido em dia de Natal, na Praça do Peixe, aos pobres das duas freguezias da cidade, e que era constituída pelos srs. Francisco da Naia Sardo, Joaquim de Pinho Vinagre, Januario de Pinho das Neves, Luiz Mathias Rodrigues, Luiz de Pinho das Neves, José da Cruz, João de Pinho Nascimento e Joaquim Soares, cordealmente reconhecida a todos quantos attenderam ao seu pedido, coadjuvando-a generosamente com o seu prestimioso e desinteressado auxilio na realisação de tão philantropica ideia, vem por este meio patentear a todos, em seu nome e no dos pobres beneficiados, a gratidão de que se sente possuida, não podendo deixar de especialisar, mas sem a mais leve intenção de ferir susceptibilidades, visto que todos concorreram na medida das suas forças, os nomes dos srs. dr. Jayme Lima, Domingos Leite e João dos Santos Silva.

As festas dos ramos

Teem corrido com a frieza dos mais annos as festas dos ramos em Aveiro.

A princeza russa Eristof deu um tiro na cabeça, ao saber que o marido era um vulgar «escroto», varias vezes condemnado em Paris por fajardices.

EMPRESA ALUGADOURA E LIQUIDADOURA

AGENTE

Augusto Jorge Garcia

R. José Luciano de Castro n.º 20 AVEIRO

«O NORTE»

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

ses outlaws teem machinas, nem escadas d'assalto, nem chefes experimentados: o meu castella pôde desafial-os.

—Previne os teus vizinhos, disse o templario; deixa-os reunir a sua gente e que venham em auxilio de tres cavalleiros sitiados por um doido e um porqueiro no castello senhorial de Reginaldo Testa-de-Boi.

—Estaes doido, *sir* cavalleiro! responden o barão. Aquem hei-de prevenir? Malvoisin está a esta hora em York com a sua gente e todos os seus outros alliados; e eu lá estaria tambem se não fosse a vossa empresa infernal.

—Então mandemos a York chamar a nossa gente, disse De Bracy; se elles se deixarem ficar perante o tremular do meu estandarte ou á vista da minha companhia fran-

ANNUNCIOS

AVISO

EM cumprimento da disposição do art.º 31 dos Estatutos do Theatro Aveirense são convidados todos os srs. accionistas a reunirem no edificio do theatro no domingo, 6 de janeiro, pelas 12 horas do dia, a fim de lhes ser presente o relatorio e a conta da gerencia do anno de 1900 e bem assim para se proceder á eleição da meza da Assembléa Geral.

Egualmente são convidados para a discussão e votação do parecer do conselho fiscal que se ha-de realizar no domingo 20 de janeiro, á mesma hora e no mesmo local.

Se em qualquer d'estas reuniões não comparecer numero legal de accionistas para que possam funcionar, realizar-se-hão de novo e respectivamente nos dias 13 e 27.

Aveiro, 30 de Dezembro de 1900.

O Presidente da Assembléa Geral, Gustavo Ferreira Pinto Basto.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos. Desconto aos revendedores.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Sucessora da antiga casa David Corazzi

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA

DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

em flagrante, aos ganhos de um veado bravo, que o espatifou em cinco minutos; pois arremessaram-me mais frechas do que foram atiradas ao alvo em Ashby.—Olá, amigo, accrescentou elle dirigindo-se a um escudeiro que aguardava ordens mandaste ver quaes são as forças que sustentam este precioso cartel?

—Ha pelo menos duzentos homens reunidos na floresta, respondeu o escudeiro.

—Ahi está uma bonita obra! disse Testa-de-Boi, em resultado de haver posto o meu castello á vossa disposição. Não podiais tratar da vossa empresa tranquillamente, sem me attrahirdes esse enxame de zangões á roda das orelhas?

—De zangões? disse De Bracy: zangões mas sem ferrão; um bando

de patifes e vadios que vão para os bosques e destroem a raça em vez de trabalharem para ganharem a vida.

—Sem ferrão? replicou Testa-de-Boi; pois olha que as suas settas, de pontas bifurcadas e de uma jarra de comprimento, picam bastante, e elles fazem-nas acertar n'um espaço do tamanho de uma corôa de França.

—Calae-vos com isso, que até é vergonha, *sir* cavalleiro! disse o templario. Chamemos a nossa gente e façamos uma sortida contra elles. Um cavalleira—que digo eu!—um só homem d'armas chega para vinte d'esses camponios.

—Chega e cresce, disse De Bracy; eu envergonhar-me-hia de enristar a minha lança contra elles.

—Assim seria, respondeu Testa-de-Boi, se se tratasse de tizna-

dos turcos ou mouros, *sir* templario, ou dos campones poltrões de França, muito valoroso De Bracy; mas elles são *yeomen* ingleses, sobre quem nós não teremos nenhuma vantagem senão a das nossas armas e cavallos, a qual de pouco nos servirás entre as clareiras da floresta. Sortida, dizes tu? Nós apenas temos os homens necessarios para a defeza do castello. Os meliores dos meus estão em York, assim como todos os da tua companhia, De Bracy; restam-nos apenas uns vinte, além do punhado d'homens que engajastes n'esta louca empresa.

—Tens receio, perguntou o templario, que elles se reunam em numero sufficiente para assaltarem o castello?

—Não tanto, *sir* Brian, respondeu Testa-de-Boi. E' certo que es-

ca, tel-os-hei pelos mais audaciosos outlaws que jámais atiraram ao arco nas florestas.

—E quem ha-de levar essa mensagem? perguntou Testa-de-Boi; elles devem ter tomado todas as salidas e apanhal-as-hão ao portador. E depois de um momento de reflexão, accrescentou:—Já sei! Tu, *sir* templario, sabes escrever de certo tão bem como sabes ler, e se nós conseguirmos encontrar os materiaes d'escripta do meu capellão, que morreu ha um anno no meio das suas comezainas do Natal...

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Balrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante comissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó veruizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem 'construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Almanach illustrado

DO

“**OCCIDENTE**,”

Para 1901

Este excellent almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do Occidente para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, annuario da batalha do Bossaco, convento de Carmo em Lisboa, e campanha contra o Mataboa, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrao Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobressahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel *Almanach*, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos de mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa splendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas ouje recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos de Brazil

Passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—Praça da Batalha—**PORTO.**

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rham e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO



NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chie.

Garante-se a solidez e economia de preço.